

JOSÉ FERREIRA JÚNIOR E PATRÍCIA AZAMBUJA: O MODERNO E A TRADIÇÃO CONTEMPLADOS NA PROGRAMAÇÃO VISUAL

*José Ferreira Júnior. Doutor Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e
professor do Departamento de Comunicação Social da UFMA
jferr@uol.com.br*

*Patrícia Azambuja. Mestra em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP e
professora do Departamento de Comunicação Social da UFMA
patriciaazambuja@yahoo.com.br*

RESUMO: O equilíbrio entre a atualização dos aspectos gráfico-visuais e a necessidade de manter um vínculo com uma tradição de 80 anos foi o ponto mais importante da reforma gráfica pela qual passou, nos últimos dez anos, o jornal maranhense *O Imparcial*, o mais antigo periódico diário da capital do Maranhão. A adoção da policromia e uma certa influência do confrade Correio Braziliense (ambos pertencem cadeia dos jornais dos Diários Associados) transformaram o sisudo *O Imparcial* em um jornal com ousadia gráfica presente, sobretudo, na exploração de capas-cartazes. Outra modificação a ser considerada foi, ainda, a construção de uma tipologia própria na qual os elementos modernizantes mesclam-se com caracteres que lembram o passado do octogenário diário, razão pela qual se atenua o choque visual que as transformações gráficas causaram no leitor ainda pouco familiarizado com os recentes avanços no campo da produção de imagens nos veículos impressos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Produção editorial. Projeto gráfico. Programação visual.

ABSTRACT: The equilibrium between the atualization of graphic-visual aspects and the necessity of keeping a knot with the 1980 tradition was the most important point in the

graphic reform with the maranhense journal *O Imparcial*, the oldest periodic in the city, has faced in the last ten years. The adoption of polycromy and some influence from the consort *Correio Braziliense* (both belong to the same group of *Diários Associados* journals) changed the common *O Imparcial* to a journal with present graphic boldness, over all, in the exploratin of layer-posters. Another modification to be considered was, still, its own typology construction in what the modernizing elements incorporate with characters wich remember the eighty diary's past, reason for wich is attenuated the visual shok that the graphic transformation caused in the reader, not so much familiarizated yet, with the recent advances in the image production area in the press media.

KEY-WORDS: Journalism. Editorial production. Graphic project. Visual programation.

1. INTRODUÇÃO

A intenção deste texto é sinalizar para alguns aspectos relevantes da profunda reformulação gráfico-visual pela qual passou o jornal *O Imparcial*, diário que completou 80 anos de circulação em maio de 2006.

Em um primeiro momento verifica-se, de modo sucinto, como foi construída a imagem editorial e gráfica da publicação, sobretudo no que diz respeito aos avanços pontuais que foram sendo incorporados, ao longo dos anos, culminando com a grande reforma empreendida a partir da segunda metade da década de 90.

Para situar a repaginação efetivada pelo jornal, são inseridas algumas noções de como se situam os termos, as técnicas e, sobretudo o *modus operandi*, vigente no universo jornalístico, tendo-se na seqüência os traços que definiram as mudanças visuais de *O Imparcial*, sendo importante situar a presença do jornal maranhense dentro das tarefas da imprensa diante da era da informação digital, que coloca novos desafios para a mídia impressa, razão pela qual ela se volta para o leitor do futuro, cuja alfabetização será não somente verbal, mas também, com grande ênfase, visual, gráfica e sonora.

2. UM JORNAL OCTOGENÁRIO

O jornal *O Imparcial*, ao longo de seus 80 anos de vida, pautou-se pela busca em honrar seus intuitos editoriais, espelhados em seu próprio título. Daí que, em um exame superficial, encontra-se desde suas primeiras edições uma disposição gráfica austera, porém agradável, a qual privilegiava de modo marcante a intenção de sempre ouvir os dois lados da questão, colocando-se lado-a-lado às opiniões dos envolvidos em alguma polêmica pública e de interesse social.

O padrão visual que acompanhou o jornal até a década de 80 constitui-se em uma referência bem diversa daquela que hoje nos chega às mãos. Havia muito mais texto do que imagens, sendo, quase presença obrigatória, ornamentos como o fio (ou filete) que separava as colunas de texto. O modelo tinha pouca variação entre um jornal e outro, também não havendo alterações em relação a publicações de estados economicamente mais avançados ou locais mais distantes dos centros de decisão nacional.

No entanto, até os anos 80, observa-se uma inflexibilidade na estrutura visual dos projetos gráficos de *O Imparcial*. Uma característica, de certa forma, influenciada pelos sistemas de composição utilizados até aquele momento.

A composição a quente, usada até 1966, evidencia uma estética fria e um conjunto pouco harmônico, muito verticalizado e manchado. Títulos, textos e ilustrações eram dispostos aleatoriamente, de acordo com as condições possibilitadas pelos tipos em chumbo, característicos da tipografia.

A partir de 1966, *O Imparcial* renova o seu parque gráfico com a aquisição de uma rotativa *offset*, aumentando a tiragem e a qualidade das reproduções. Seguindo a tendência da mídia impressa no país, o jornal foi pioneiro no Maranhão na impressão em *offset*, sistematizou a prática da diagramação, sem, todavia, prescindir do rigor da apresentação visual, incorporando à facilidade que as inovações tecnológicas já permitiam dispor.

Em 1986, soma-se ao conjunto: a policromia. Neste período, entre 1970 e 1980, a composição a frio⁸² também ajudou a tornar a diagramação e a paginação mais flexíveis.

⁸² Segundo Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, composição a frio é a “designação genérica de todos os sistemas de composição que não utilizam a fundição de tipos”, tais como fotocomposição e

Para que se perceba a forte influência técnica nas alterações visuais, é importante citar que data deste período a formulação do primeiro projeto gráfico especialmente construído para *O Imparcial*. Segundo Raimundo Borges, atual Diretor de Redação, o artista plástico Nagy Lajus foi o responsável pelo trabalho⁸³.

A marca da austeridade gráfica acompanhou jornais como *O Imparcial*, tendo similitudes em outros periódicos de grande prestígio nacional. Em ambos os casos, as maiores mudanças aconteceram já nos anos 1990, do século passado.

Em perfil sobre o jornal, escrito nos anos 1980 para a revista do curso de Comunicação Social da UFMA, o professor Severino Cadorin aponta para uma caracterização do periódico, na qual se assentam os pilares norteadores de sua apresentação no âmbito do conteúdo e no domínio da forma: “Desde sua fundação, o jornal pretende ser imparcial, objetivo e sóbrio na apresentação das informações sobre os mais variados assuntos que interessam aos leitores e pretende ser defensor da família, dos bons costumes e das autoridades legitimamente constituídas, sem contudo filiar-se a qualquer partido ou facção ideológica” (1986, p.5).

A tradução desses propósitos acompanhou *O Imparcial*, fazendo-o, por constatação empírica, a leitura das famílias, sobretudo de classe média, constituída por profissionais liberais, funcionários públicos, assim como o conjunto do empresariado local: um público menos afeito a ousadias gráficas, sendo que só recentemente, até por influência da editoração eletrônica, a partir de 1996, houve espaço para maiores transformações no plano da apresentação visual.

Um jornal com tamanha longevidade situa-se em uma posição de testemunha da história, cuja expressão se revela na sua primeira página, sendo sua programação visual (conceito até certo ponto recente, mas não totalmente impreciso, caso se pense a história da publicação) voltada para explicitação do momento pelo qual o mundo estava passando. Para o historiador Nicolau Sevcenko, “há muito que aprender sobre o processo pelo qual o jornal não só fala do mundo, mas participa efetivamente da produção da imagem que todos

datilocomposição _ Rabaça, Carlos Alberto; Barbosa, Gustavo Guimarães, *Dicionário de comunicação*, Rio de Janeiro, Campus, 2001, p.152.

⁸³ Entrevista concedida aos professores José Ferreira Júnior e Patrícia Azambuja em janeiro de 2006.

nós compomos da realidade e do cotidiano” (1999, p.11). Portanto, é instigante para quem é historiador, ou que tenha alguma afinidade com área, ver a coleção do jornal, na qual se tem a sucessão das imagens (fotos colocadas na capa do jornal) do cotidiano das batalhas da segunda guerra mundial, dia após dia. Ressalta-se ainda que, naquela época, o jornal constituía-se em verdadeira “mídia primária”, pois só se sabia de determinado fato (guerras, golpes de estado, acidentes etc.) por meio dos jornais que tiravam vários clichês durante o dia.

3. PROJETOS E SOLUÇÕES NO UNIVERSO DA VISUALIDADE GRÁFICA

Foi na última década do século XX, que o jornal implementou uma reforma gráfica na qual se mudam de modo gradual a fisionomia visual e o ordenamento da paginação. *O Imparcial* estabeleceu um padrão próprio de programação visual, mantendo um diálogo com o confrade *Correio Braziliense* da capital federal, no qual surgem ocasionalmente as majestosas capas-cartazes (ou capas-pôsteres), em cuja elaboração se destacam fotos, desenhos, composições híbridas, atualizando códigos da gramática visual, inserindo a publicação entre as de vanguarda do *design* gráfico nacional.

Essa postura, sem dúvida, se contrapôs ao perfil gráfico adotado por muitos anos. A reforma gráfica pode ser vista por diversos ângulos, sendo possível mencionar alguns aspectos, aparentemente, mais relevantes. O jornal *O Imparcial*, dentro de uma postura mais conservadora, durante quase toda a sua história utilizou fontes pertencentes à família romana, variando nos textos e títulos, do estilo com pouco contraste no desenho (claras e agradáveis para a leitura de volumes grandes de textos), ao estilo com variações radicais nos traços (desenho mecânico e destacado para os títulos).

O certo é que o termo tipografia relacionado, em sua origem, ao processo em chumbo derretido, por apresentar-se hoje como um sistema de impressão defasado e lento para os padrões atuais⁸⁴ é utilizado como sinônimo para tipologia - estudo da letra e de suas formas e características, especialmente seu desenho. Comunicação a partir da letra impressa.

⁸⁴ Substituído pelo *offset* a partir de 1966 em *O Imparcial*.

O desenho, em estilo romano, tem sua origem bem anterior à criação dos tipos móveis. Segundo Milton Ribeiro, “foram os navegadores fenícios (a.C.) que introduziram na Grécia o primeiro alfabeto” (1987, p.39). A letra manuscrita grega apresentava um acabamento equilibrado, harmônico e um reforço retangular nas extremidades, chamado serifa. Os romanos criaram adaptações nessa estrutura: ligeiras variações do desenho. Definitivamente, são essas heranças tão antigas (as serifas e a variação grosso-fino) que facilitam a leitura de textos extensos em suportes impressos.

“Nos mosteiros e conventos, os monges se dedicaram pacientemente à cópia de preciosos documentos antigos e à elaboração de novos textos” (Ribeiro, 1987, p.40). A influência de diferentes civilizações, entre elas inglesas, francesas, italianas e alemãs, e a necessidade da transcrição de cada vez mais textos e de forma rápida obrigaram os copistas a abandonarem certos princípios clássicos de legibilidade.

O estilo gótico, comprimido e pouco legível, surgiu da necessidade de aproveitar o máximo do espaço e predominou durante quase três séculos. O primeiro livro impresso pela tipografia, a Bíblia em latim, por motivos comerciais, utilizou o desenho de letra gótico que, apesar de ilegível, passava-se por manuscrito.

Os tipógrafos que sucederam Gutenberg fizeram ressurgir o estilo delicado e legível romano. Alguns conhecidos, até hoje, criaram desenhos e a eles deram seu próprio nome: o italiano Bodoni e o francês Garamond.

Com o advento da revolução digital das duas últimas décadas do século passado, houve uma transposição do universo tipográfico para o novo suporte. A informática e os programas de computação gráfica tornam muito simples a construção e a propagação de novos desenhos de letras. A exploração cada vez maior de informações visuais e a facilidade técnica para a produção de novas fontes digitais favorecem a ampliação do volume de famílias tipográficas e suas mais diversas variações.

Considerando a necessidade fundamental de harmonização entre o conteúdo escrito e a manifestação visual, percebe-se na letra e na sua estrutura não somente um potencial relacionado à legibilidade dos textos, mas também a estratégia clara de fixar uma mensagem, um conceito, adequando a personalidade do tipo gráfico à publicação.

As possibilidades são muitas, o que torna a escolha cada vez mais difícil. Para adequar forma e função convenientemente, é essencial compreender as peculiaridades em cada família: as origens, o desenho e suas aplicações.

De acordo com Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, “[...] o estudo comparativo do desenho básico dos caracteres de cada família permite classificá-las segundo, pelo menos dois critérios. O primeiro, mais geral, consiste em ordená-las em dois grupos: o dos tipos com serifa e o dos tipos sem serifa. O segundo critério, que se fundamenta no exame dos elementos estruturais de cada família, dentro do contexto histórico em que elas foram aparecendo” (2001, p.298).

Tais elementos estruturais caracterizam seis grupos diferenciados: a) o gótico (primeiros caracteres que imitavam a escrita manual); b) o tronco romano (desenho caracterizado pela variação grosso-fino e pela serifa). Apresentam três fases distintas: romano antigo (pouco contraste); romano transição e romano moderno (muito contraste nos traços finos e grossos); c) tronco grotesco (sem contraste e sem serifas); d) Egípcias (serifas quadradas, da mesma espessura dos traços); e) tronco manuscrito (inspirado na escrita manual); f) fantasia (traçado exótico e alegórico).

O tronco romano, amplamente utilizado pela “grande imprensa”, por um motivo evidente: a legibilidade, no caso de *O Imparcial* também valoriza uma postura mais conservadora, às vezes, justificada pelos exigentes padrões de seu público-leitor.

Previdência vai realizar novo cadastramento

Governo retoma processo de revisão de 22,8 milhões de benefícios para evitar fraudes e cancelar pagamentos indevidos e vai ouvir aposentados

4. O IMPARCIAL GRAFICAMENTE RENOVADO

O projeto gráfico, lançado em 1996, uniformizou a diagramação entre os jornais que fazem parte do grupo Diários Associados, sobretudo, no que se refere às famílias

tipográficas. A fonte “Utopia”, com um desenho mais austero, empresta tradicionalismo ao projeto, além de facilitar a leitura dos textos, já que possui serifas e uma boa legibilidade. Na verdade, por tratar-se de uma fonte de difícil acesso, portanto, de uso quase exclusivo do grupo, acaba constituindo-se como um elemento de extrema importância para a identificação do veículo de comunicação. Criando uma identidade visual marcante.

Em maio de 2002, um novo projeto gráfico surgiu com o objetivo de fortalecer a idéia de construção de uma identidade exclusiva para o periódico. A homogeneidade entre o Correio Braziliense foi preservada pelas capas-pôsters, uma marca já incorporada por *O Imparcial* no jornalismo diário maranhense. No entanto, evidenciar particularidades próprias da região e do veículo tornou-se uma prioridade. De acordo com Célio Sérgio, Gerente de Tecnologia do jornal O Imparcial: “É importante continuar lembrando que o jornal tem 80 anos de tradição, no entanto, não está parado no tempo”.⁸⁵

Transformação, modernidade e inovação tecnológica foram ingredientes essenciais nessa nova fase, apesar do choque inicial (principalmente entre os leitores mais conservadores). Uma mudança ainda mais profunda aconteceria no layout, inclusive, no que se relacionava à tipologia. Em um processo amplo de escolha, envolvendo profissionais de publicidade, *designers* e funcionários da empresa, um novo desenho de letra para o nome do jornal foi proposto e eleito. Com ele uma grande renovação visual.

A ousadia era explicada pela motivação de fazer um jornal de quase oito décadas moderno, mas sem esquecer sua tradição que se traduz, emblematicamente, na formatação desse novo logotipo, cuja fonte foi concebida na própria experiência de reformulação iniciada há uma década.

Cláudio Lima, *designer* responsável pelo projeto, assegura que “ninguém cria algo do nada” (Oliveira Filho, 2002, p.4). Por isso, pautou o seu trabalho em uma extensa pesquisa. Percorreu desde os primórdios da tipografia (século XVIII), incorporando

⁸⁵ Entrevista concedida aos professores José Ferreira Júnior e Patrícia Azambuja em março de 2006.

influências importantes como as do tipógrafo inglês William Caslon e de escolas filosóficas representadas por Friederich Nietzsche. “A verdade é uma pluralidade inesgotável e freqüentemente contraditória de enunciados ou discursos” (Oliveira Filho, 2002, p.4). A partir dos conceitos de imparcialidade, verdade, contradição e pluralidade, Cláudio Lima criou uma fonte que mesclou maiúsculas e minúsculas em sua composição, com desenho provocativo, original e que produz, conseqüentemente, uma identidade forte para o jornal. A fonte inédita foi batizada com o nome de *O Imparcial* e é utilizada tanto no logotipo do jornal como no nome das diversas editoriais e seus respectivos cadernos .



O IMPARCIAL

5. COMENTÁRIO FINAL

Todo esse mapeamento sobre o qual se debruçam os estudiosos da construção gráfica serve para ampliar os horizontes das análises textuais, fazendo-as sair da esfera, quase sempre dominante, do universo do discurso verbal.

Hoje, a relação gráfico-editorial é evidente. Nas tradicionais e, inclusive, no que se refere às novas mídias. No tocante, à concorrência entre meios impressos e Internet, a posição assumida pelo jornal apresenta-se como a mais apropriada. A sua linha de capa-pôster, com matérias de impacto, simplesmente, é uma confirmação da tendência na comunicação escrita para Internet: conteúdo e matérias investigativas.

Para tanto, o jornal desenvolve há três anos o projeto “Leitor do Futuro”. Construir e formar leitores são missões para o novo milênio. Somente assim o jornal poderá crescer, e o projeto gráfico inovar cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CADORIN, Severino. O Imparcial – perfil do jornalismo antigo de São Luís. *Cambiassu*. São Luís, ano III, n. 4, 2º semestre 1986.

OLIVEIRA FILHO, Hamilton & FREIRE, Pedro Henrique. O Imparcial: a criação de uma tipologia que une o moderno ao tradicional. São Luís: Jornal O Imparcial, 2002.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. 2.ed.rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RIBEIRO, Milton. *Planejamento visual e gráfico*. 2. ed. Brasília: Linha, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. Prefácio. *A primeira página. Folha de S. Paulo, 1921-1998*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 1999.